

**ACTA DA TERCEIRA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ÁGUEDA, DE
VINTE E QUATRO DE ABRIL DE DOIS MIL E DEZ**

----- Aos vinte e quatro dias do mês de Abril de dois mil e dez, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, realizou-se a Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de Águeda Comemorativa do Trigésimo Sexto Aniversário do Vinte e Cinco de Abril. -----

----- A Sessão foi Presidida pelo Senhor **ANTÓNIO CELESTINO PEREIRA DE ALMEIDA, Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Águeda** e Secretariada pelas Senhoras **Marlene Domingues Gaio e Carla Eliana da Costa Tavares**. -----

-----Tendo sido constituída a **Mesa** e verificada a existência de quórum, o Senhor **Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Águeda**, declarou aberta a **Terceira Sessão Extraordinária**, pelas vinte e uma horas e trinta minutos, tendo cumprimentado os Senhores Deputados da Assembleia Municipal; o Executivo; a Comunicação Social e o Público presente. --

----- **À Sessão Extraordinária compareceram os seguintes Deputados da Assembleia Municipal:**-----

----- António Celestino Pereira de Almeida - PS; -----

----- Nair Barreto de Carvalho Alves da Silva - PSD; -----

----- Manuel Antunes de Almeida - PSD; -----

----- Margarida Nogueira Brenha - PS; -----

----- Carlos Alberto Baptista Guerra – PS; -----

----- Paulo Manuel Matos Soares – PSD; -----

----- Daniela Carina Alves Mendes – PS; -----

- Joana Cristina Correia dos Santos – PSD; -----
- António Manuel Fernandes Martins – CDS/PP; -----
- Hilário Manuel Ferreira dos Santos - PSD; -----
- Elisa Maria Pires de Almeida - PS; -----
- Carla Eliana da Costa Tavares - PS; -----
- Marlene Domingues Gaio - PSD; -----
- José Manuel Gomes de Oliveira - PSD; -----
- Alexandre Pires Duarte – PS; -----
- Eunice Pereira dos Santos Neto – CDS-PP; -----
- Francisco Rogério Martinho Estrela – PS. -----
- **Compareceram igualmente à Sessão Extraordinária os seguintes Presidentes de Junta de Freguesia (PJF):** -----
- Rui Pedro Pinho Carvalho – II-Ind. – PJF de Aguada de Baixo; -----
- Heitor Pereira Abrantes Garruço – PSD – PJF de Aguada de Cima; -----
- Maria Vitoria R. O. Santos – PSD – Secretária JF de Barrô; -----
- Nelson José Silva Alves Canas – PS - Vogal JF de Águeda; -----
- Vasco Miguel Rodrigues Oliveira – PSD - PJF de Belazaima-do-Chão; -----
- Jorge da Silva Mendes – PS - PJF da Borralha; -----
- Victor Manuel Abrantes da Silva – PSD – PJF de Castanheira do Vouga; -----
- Manuel de Almeida Campos – Lista Progresso - PJF de Espinhel; -----
- Carlos Guilherme da Silva Nolasco – PSD - PJF de Fermentelos; -----
- Alcides de Jesus – PSD - PJF de Lamas do Vouga; -----
- Pedro Daniel Henrique Rodrigues – Plenário - PJF de Macieira de Alcoba; -----
- Armando Paulo Almeida Galhano – PSD - PJF de Macinhata do Vouga; -----
- Pedro António Machado Vidal – CDS-PP - PJF do Préstimo; -----
- Pedro Alexandre Almeida Gomes – PSD - PJF de Recardães; -----
- Mário Ramos Martins – PS – PJF de Travassô; -----
- **Da Câmara Municipal de Águeda estiverem presentes os seguinte Elementos:** -----
- Gil Nadais Resende da Fonseca – Presidente - PS ; -----
- Jorge Henrique Fernandes Almeida – Vereador e Vice-Presidente - PS; -----

----- Elsa Margarida de Melo Corga – Vereadora - PS; -----

----- João Carlos Gomes Clemente – Vereador - PS; -----

----- Brito António Rodrigues Salvador – Vereador - PSD; -----

----- Manuel Correia Marques – Vereador – PSD. -----

----- Dando início aos trabalhos o Senhor **Presidente da Mesa da Assembleia Municipal**, fez a seguinte intervenção, que se tenta transcrever na íntegra: -----

---- “É importante começarmos com este período de quinze minutos antes das dez horas, porque um dos objectivos da Comemoração ser no dia Vinte e Quatro é para marcar os tempos em que ela decorreu. Às dez horas arrancou uma senha musical e depois pela meia-noite arrancou o Grândola Vila Morena. -----

----- Para encher estes períodos entre as senhas musicais, convidámos os Representantes das Associações de Estudantes da Cidade e do Concelho de Águeda. Vamos ter uma intervenção de uma Representante dos Estudantes da Escola Secundária Marques de Castilho, depois da Escola Superior e Tecnologia de Gestão de Águeda e depois do Centro de Formação Profissional de Águeda. -----

----- O desafio que foi feito foi perguntar-lhes o que era o Vinte e Cinco de Abril para eles. Nós andamos aqui há trinta e seis anos a falar de Vinte e Cinco de Abril e contamos-lhe essa história mas é, se calhar, chegada a altura de nós também ouvirmos o que eles têm para dizer sobre o que sentem do Vinte e Cinco de Abril; o que é para eles o Vinte e Cinco de Abril que nós temos trazido ano após ano, para gora eles analisarem. -----

----- Por isso mesmo, sem mais comentários, eu ia convidar, para dar início a esta Sessão, a menina Diana Freitas, em Associação dos Estudantes da Escola Secundária Marques de Castilho e Águeda.” -----

----- De imediato, foi feita uma interpretação do Vinte e Cinco de Abril, por Diana Freitas, representante da Associação dos Estudantes da Escola Secundária Marques de Castilho de Águeda fez a sua representação. -----

----- De imediato, o Senhor Presidente da Mesa da Assembleia, concedeu a palavra ao convidado **Augusto Carlos Vidal Leite, Presidente da Associação Académica da ESTGA** que fez a intervenção que se transcreve na íntegra: -----

----- “Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal; Exmos. Membros da Assembleia

Municipal; Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal; Exma. Vereação da Câmara Municipal; Senhoras e Senhores: -----

----- Dia 25 de Abril de 1974, 10 anos antes de eu nascer. 36 anos depois estamos a comemorar este marco histórico aqui em Águeda. -----

----- Não me vou referir aos tempos anteriores à Revolução de Abril, porque sei que outros o irão fazer muito melhor do que eu. Mas não posso deixar de prestar a minha homenagem a todos aqueles que souberem lutar pela liberdade do povo, incluindo a deles. Disse liberdade do povo, porque é a interpretação que faço do que foram os objectivos dos que lutaram para se libertarem da liberdade só para alguns – a ditadura. -----

----- A minha geração teve a felicidade de nascer em liberdade e, por isso mesmo, com maior responsabilidade do que aqueles que nem sequer sabiam o que isso era – mas sentiam. -----

----- Os movimentos estudantis foram desde sempre um elemento de pressão sobre os poderes constituídos. Durante os tempos da ditadura e hoje. -----

----- O projecto imaginário para que se consiga a felicidade pública, é utópico. Mas é a melhor forma para se seguir em frente. É a melhor forma dos jovens participarem na política. -----

----- Não foi no acreditar que se podia viver com maior felicidade e em democracia, que houve a revolução de 25 de Abril? -----

----- Com a nossa participação não se poderá lutar contra o egoísmo dos interesses instituídos?

----- Não poderemos lutar por melhores escolas, por melhores condições de trabalho? Lutar para acabar com a pobreza? -----

----- **Participar e sonhar é a nossa tarefa.** -----

----- Hoje, temos de colocar sempre na reflexão sobre a nossa vivência democrática, a questão da qualidade da democracia que vivemos. Hoje, temos de fazer isso. Amanhã **também. E depois, e depois, e depois... também.** -----

----- Como responsável do Núcleo Associativo da ESTGA, sinto-me honrado pelo convite que me fizeram para aqui estar hoje. É mais um momento para mostrar que a universidade está com a comunidade local. É mais um momento para mostrar que devemos aceitar o desafio e o confronto com a inovação e a inteligência. -----

----- Queremos ser uma voz na formação social, nesta terra que nos acolheu e nos dá o apoio e força para acreditarmos que o mundo pode ser melhor. Um mundo de verdade. -----

----- Não resisto em aproveitar as palavras que encontrei num livro na estante lá de casa, da autoria de **Manuel da Costa e Melo**, nascido em Mourisca do Vouga, in “**Memórias Cívicas**”, que numa reflexão sobre a necessidade de parar, mesmo no fim do livro, dizia: -----
-----...”**Agora, entrado já em Abril e olhando ainda as andorinhas da Primavera verdadeira** que vão escasseando nos beirais, julgo que a tentação de parar é mais forte e já não lhe resisto nem contra ela sinto forças capazes de me levar para lá da paragem, em silêncio, até que nova Primavera dum qualquer outro Abril me traga, com a esperança reacordada, a visão segura do caminho interrompido já depois de libertado aos passos livres do eterno peregrino. -----
----- E já não terei tempo para recomeçar! -----
----- É natural! -----
----- Console-me, ao menos, a ideia de que os de lá da luz não aproveitarão, como próprio, todo este bater de asas em busca de céus onde só em Liberdade se pode tentar **voar**.” -----
----- Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Águeda, -----
----- Todos temos de fazer, que os de lá da luz não aproveitarão, como próprio, o bater das asas em busca da Liberdade. -----
----- Termino fazendo uma referência à dedicatória que Costa e Melo faz no início desse livro: ---
----- “A CULPA FOI TUA, MÃE. -----
----- ANTES DE ME ENSINARES A TER MEDO DOS LOBOS, -----
----- HABITUASTE-ME A DIZER SEMPRE A VERDADE!” -----
----- Temos necessidade de respirar. Tanto quanto o grandioso vinho da Bairrada. -----
----- Os jovens têm de fazer saltar todas as rolhas para que o néctar da Liberdade possa ser consumido. -----
----- E farão disso Lei. -----
----- Tenho a certeza. -----
----- Julgo que não é utopia. -----
----- Mas mesmo que o seja, vamos conseguir. -----
----- Viva o 25 de Abril. -----
----- Águeda, 24 de Abril de 2010 -----
----- Augusto Carlos Vidal Leite. “ -----
----- De seguida, foi feita uma apresentação relacionada com o Vinte e Cinco de Abril, por dois

alunos Representantes do Centro Profissional de Águeda. -----

----- De seguida e integrado no programa das Comemorações do Vinte e Cinco de Abril, seguiu-se o primeiro Momento Musical com a participação dos Alunos do Conservatório de Música de Águeda, com o tema “*E Depois do Adeus*”, letra e música originais de Paulo de Carvalho. -----

----- Após o momento musical, o Senhor Presidente da Mesa da Assembleia concedeu a palavra aos Senhores Deputados da Assembleia Municipal, tendo sido feitas as intervenções dos seguintes Líderes dos Grupos Parlamentares Autárquicos, conforme se tenta transcrever na íntegra: -----

----- **Deputado Manuel de Almeida Campos - PJF Espinhel – Em representação dos Presidentes de Listas Independentes:** -----

----- “Sr. Presidente da Assembleia Municipal, Eng. Celestino de Almeida, Sr. Presidente da Câmara Municipal, Dr. Gil Nadais, Srs. Vereadores, Srs. Deputados Municipais, Representantes das Associações de Estudantes, Representantes do Conservatório de Música de Águeda, Digníssimos representantes da Comunicação Social, Senhoras e Senhores do excelentíssimo público presente . -----

----- Comemorar o aniversário da REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL, é um dever de cidadania, porquanto esta data constitui um evento histórico de primeira grandeza na História de Portugal, pelo que em nome da Lista do Progresso e da Junta de Freguesia de Espinhel, quero aqui deixar a nossa saudação a todos os presentes, assim como aos ausentes. -----

----- Na verdade à nossa histórica e bela Freguesia, a mais ribeirinha de Portugal e geradora de grandes receitas financeiras para o erário público - ainda não chegou o verdadeiro significado de progresso do 25 de Abril, com a histórica perseguição dos poderes políticos que, repetidamente, nos tem negado os nossos legítimos direitos. -----

----- Efectivamente a laboriosa Freguesia de Espinhei, que é provavelmente o maior contribuinte líquido do Concelho de Águeda, tem sido historicamente prejudicada e postergada no direito ao progresso, mas quantas vezes usada para servir interesses alheios e em nosso prejuízo. -----

----- Porém, na nossa terra de gente honesta e trabalhadora, com grandes tradições culturais e registando importantes figuras da ciência e outras áreas de especial relevo -

não existe nada do pouco que temos, que tenha sido obtido em prejuízo doutros, enquanto inúmeras pessoas são obrigadas a sair da Freguesia de Espinhel por falta de condições de vida local. -----

----- Certamente, que não basta toda a capacidade construtiva da Junta de Freguesia de Espinhel, pelo que temos pela frente todo um vasto trabalho para fazer valer decisivamente os nossos legítimos direitos e interesses. -----

----- Mas como a História não pode acabar aqui, e porque tem mais valor a nossa terra - vamos ter de contrariar definitivamente a maldição que tem perseguido a Freguesia de Espinhei, porque, num superior desígnio e sob os princípios cívicos de CONSTRUIR e HUMANIZAR, assumimos a responsabilidade histórica de valorizar, dignificar e engrandecer a nossa terra.-----

— VIVA OS IDEAIS DE ABRIL.”-----

----- **Deputada Eunice Pereira dos Santos Rodrigues Neto – Representante do Grupo Municipal do CDS-PP :** -----

----- “Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Minhas Senhoras e Meus Senhores:----- Ninguém poderá negar que a data 25 de Abril de 1974 representa um marco importante da História de Portugal. Nesse dia se pôs fim a um período de obscurantismo, e se deu início a um novo período em que a liberdade é bandeira suprema.-----

----- No dealbar deste novo tempo se criaram as mais legítimas expectativas, se formularam justos anseios, se projectaram novas e melhores condições de vida colectiva.-- Trinta e seis anos depois, eis-nos comemorando mais um 25 de Abril e tudo quanto esse dia prometeu aos portugueses.-----

----- Entendemos nós que não basta dizer apenas algumas palavras de circunstância, pois também importa lançar o olhar sobre o caminho percorrido desde então. -----

----- Recuperámos a liberdade de expressão e de associação, bem maior do ser humano. Instalámos um regime democrático. Cessámos as guerras nas antigas colónias. Criámos laços fortes de amizade com todos os povos africanos de língua portuguesa. -----

----- Estabelecemos relações cordiais com todas as nações. Passámos a fazer parte desse grande espaço geográfico que é hoje a União Europeia. -----

----- Expandimo-nos, abraçámos o mundo por inteiro. -----

----- Mas... em boa verdade /temos sido incapazes de construir as melhores soluções para questões internas da maior importância. -----

----- Assim, vejamos: -----

----- O nosso crescimento económico tem ficado pelo insuficiente/com todas as gravosas consequências daqui resultantes; -----

----- O nosso endividamento externo tem crescido até ao ponto de constituir, neste momento, um dos maiores e mais graves problemas do nosso país; -----

----- As empresas, células fundamentais da economia/com destaque para as pme's, definham afogadas em taxas de juro escandalosas que suportam sempre que recorrem a empréstimos bancários para investimento; -----

----- O desemprego/porque muito elevado, é a nossa maior chaga social; -----

----- A justiça continua à espera de uma verdadeira e saudável reforma; -----

----- O ensino está desacreditado e não prepara satisfatoriamente aqueles que pretendem iniciar a sua vida profissional; -----

----- O Sistema Nacional de Saúde é o que os portugueses sentem dolorosamente na pele sempre que a ele têm de recorrer; -----

----- A segurança só existe de nome, porquanto os portugueses sentem-se dia a dia mais inseguros; -----

----- A corrupção, autêntico vírus maléfico, instalou-se por tudo quanto é sítio, de forma descarada e impune. -----

----- E é assim que, afinal, muitos dos anseios dos portugueses em 25 de Abril de 1974 estão ainda longe de serem realidade, ou, dito de outra forma, muito há ainda para fazer. -

----- Avançámos claramente em alguns aspectos fundamentais, melhorámos em alguns outros. Mas também estagnámos e, até, regredimos em muitos outros. -----

----- Fica, assim, claro que, como nação, muito está por fazer se queremos ser um país equilibradamente desenvolvido.-----

----- Para tanto, Portugal necessita de governação de elevada qualidade, o que com raras excepções não tem acontecido nestes últimos trinta e seis anos, de modo a que pela eliminação das grandes injustiças sociais actualmente existentes e pelo nosso crescimento económico nivelado pelo melhor dos nossos parceiros europeus, possamos, finalmente,

orgulhar-nos deste rectângulo geográfico da Europa ocidental sentirmos gosto em viver nele. Muito obrigado.”-----

----- **Deputada Elisa Maria Pires de Almeida - Representante do Grupo Municipal do PS:** ---

----- “Exmos. Senhores, Presidente e Membros da Mesa da Assembleia, Presidente da Câmara e restante vereação, meus senhores e minhas senhoras: -----

----- Liberdade, igualdade, direito ao trabalho e à justiça, o fim da guerra colonial, foram estas as palavras que mais ouvi nos dias seguintes à Revolução de Abril e que mais me ficaram retidas na memória. -----

----- Tinha apenas oito anos de idade, não me apercebia ainda muito bem do que se estava a passar mas sentia através do olhar feliz dos meus pais e das pessoas que connosco conviviam uma alegria e uma esperança que depositavam no futuro deles e dos seus vindouros. -----

----- Hoje passados que são trinta e seis anos da Revolução de Abril constato as grandes conquistas de direitos e deveres adquiridos pelas mulheres. -----

----- Conquistou-se a liberdade de pensamento e de expressão, a liberdade de imprensa, e foram reconhecidos direitos e deveres iguais para homens e mulheres. -----

----- O direito à educação, à cultura e à saúde foram garantidos constitucionalmente a todos os cidadãos, sem discriminação de sexo, etnia ou religião. -----

----- Em curto período a mulher conseguiu conquistas legislativas de grande alcance: -----

----- O direito de voto sem qualquer restrição, tendo podido exercer esse direito já nas eleições para a Assembleia Constituinte. -----

----- Foi abolido o direito do marido abrir a correspondência da mulher. -----

----- A afirmação que na família o homem e a mulher têm os mesmos direitos e deveres quanto à capacidade civil e política e no respeitante à educação dos filhos. -----

----- Foi reconhecido o valor social da maternidade, assegurando-se o direito, antes e depois do parto, a uma licença sem perda de remuneração ou de outras vantagens. -----

----- As mulheres portuguesas viram consagradas nas leis as reivindicações pelas quais tinham lutado ao longo de muitos anos, contribuindo com a sua acção para denunciar situações de humilhação pautadas por códigos rígidos de conduta. -----

----- O restabelecimento do divórcio. -----

----- A valoração do casamento baseado na igualdade de direitos e deveres dos conjugues. -----

----- A partilha, na família, do poder paterno entre o marido e a mulher. -----

----- A igualdade de tratamento no casamento, em que tanto o homem como a mulher estão ligados pelos deveres de respeito, fidelidade, coabitação e assistência. -----

----- Sem dúvida que, conquistada a liberdade e iniciada a vida democrática, o estatuto das mulheres portuguesas na sociedade foi melhorando, mediante a concretização progressiva dos princípios e direitos consagrados na Constituição da República. -----

----- Actualmente o direito das mulheres à igualdade de oportunidades é amplamente reconhecido a nível jurídico e institucional. -----

----- Nos nossos dias é bem visível a presença das mulheres em todos os níveis de ensino, em diversos sectores de actividade, em diferentes categorias profissionais e, inclusivamente, na participação política, embora em menor escala, dado que factores de ordem familiar pesam ainda quase exclusivamente sobre a mulher. -----

----- Foi graças ao seu empenhamento reivindicativo nas mais variadas áreas da sociedade que a mulher deixou de estar limitada aos papéis de filha, esposa e mãe. -----

----- O grande desafio do século XXI é sem dúvida a implantação da política integrada da igualdade do género em todos os programas das acções correntes. Isto implica uma reorganização da sociedade em que mulheres e homens, com as suas características específicas de valor equivalente e complementar, vão contribuir para a melhoria da vida de todos. Significa aceitar e valorizar de igual modo as diferenças entre homens e mulheres. Significa a construção de uma autêntica parceria, com responsabilidades partilhadas, com o objectivo de eliminar o desequilíbrio entre a vida pública e a privada. -----

----- Significa pôr ao serviço da sociedade as competências e talentos dos cidadãos e das cidadãs para a resolução dos problemas. -----

----- Só desta forma a sociedade poderá progredir. -----

----- Só desta forma a democracia será plenamente vivida na realidade quotidiana. -----

----- Creio que por isto, meus Senhores e minhas Senhoras nunca nos esqueçamos de valorizar o bem precioso que foi devolvido ao país nesta data: -----

----- A LIBERDADE. VIVA O 25 DE ABRIL!“-----

----- **Deputado Paulo Manuel Matos Soares – Representante do Grupo Municipal do PSD: -**

-----“Comemorar o 25 de Abril no dia 24 de Abril e ainda por cima um dia em que o Benfica poder ser campeão é algo de extraordinário, porque de facto para começar este discurso em tom informal, eu diria que há duas coisas que o País precisa: é que o Benfica seja campeão e que o Governo seja substituído. Mas isso é uma opinião política, que eu expresso com inteira liberdade; penso que não serei criticado por isso. Para além de serem dois desejos são, no meu ponto de vista, duas necessidades. -----

----- Relativamente ao 25 de Abril, eu tinha dez anos, estava em Angola, sou filho de retornados e costumo de dizer que sou refugiado político, porque eu nasci em Angola, os meus pais são de cá e tiraram-na a Pátria até hoje. Mas, penso que foi em boa hora, porque a independência das colónias era uma inevitabilidade e era também um dos sinais importantes para a reforma do Estado e do Regime. -----

----- O 25 de Abril surge numa altura em que os militares estavam em desavença com o Governo por uma questão salarial, porque houve determinados cortes nos salários que fez com que houvesse uma revolta interna nas Forças Armadas, que foi um factor importante também para reuniões de capitães que se fizeram, na altura, num clima que vinha do Maio de 68, de grande esquerdismo, mas também onde tiveram intervenção homens como Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão, Mota Amaral, etc., que foram homens que tiveram grande influência na relação que tiveram com o Marcelo Caetano para formar o Regime, este pano de fundo da Revolução. -----

----- Lembro-me que, nessa altura, homens como estes defendiam que o Parlamento devia ser um órgão fiscalizador dos Executivos e defendiam naturalmente que o Regime tivesse eleições livres; tivesse uma Constituição e defendesse os direitos de Liberdades e garantias. Estas discussões eram tidas no Parlamento e muitos deles, em reuniões com o Marcelo Caetano, procuraram evitar que o Regime tivesse uma transformação por golpes militares. -----

----- Eu lembro-me até, também de algumas leituras que fiz, que o Marcelo Caetano chegou a convidar o General Spínola a tomar conta do Poder e as pessoas também não sabem isto. Num tempo em que havia um certo declínio da ideia ocidental, num tempo em que havia uma inflação galopante e um choque petrolífero em 1973, criaram-se as condições para que houvesse a Revolução. Foi uma Revolução pacífica e comandada por militares corajosos, instaurou em

Portugal a Liberdade. Mas esta ideia que a Revolução trouxe a Liberdade, por vezes, nós hoje pensamos na Liberdade com uma ideia de libertinagem, e não foi isso. A Liberdade implica responsabilidade, como dizia o meu amigo Manuel Antunes de Almeida numa reunião política onde estivemos os dois, Liberdade implica Responsabilidade. -----

----- Eu penso que em Portugal, depois do 25 de Abril e da Constituição de 1976, em que se instauraram os direitos, liberdades e garantias, tem havido algumas perversões da ideia de Liberdade e muito mais da ideia de Responsabilidade. A Constituição de 1976 implantou um Regime Socialista ou pelo menos a caminho do Socialismo; o Rui Ramos na sua História de Portugal diz que o 25 de Abril foi uma Revolução de Capitães transformada em Revolução Popular a caminho do Socialismo e foi, de facto, isso. Uma Revolução de Capitães transformada em Revolução Popular, o povo veio para a rua com manifesta alegria, depois de muitos anos de opressão, mas esses anos a seguir ao golpe foram anos complicados até à Constituição de 1976. Tivemos seis Governos provisórios; tivemos dois Presidentes da República; tivemos grande agitação social. Mas isso era um processo natural, o chamado processo Revolucionário em Curso. Com a Constituição estabelecemos claramente uma economia planificada, de direcção central, ocupações da propriedade. Isso implicou uma perversão da própria ideia de Liberdade, porque a ideia de Liberdade implica que se respeite a propriedade privada e no processo Revolucionário em curso a propriedade privada foi desrespeitada, nomeadamente no Alentejo, com ocupações no âmbito da reforma agrária, aspectos muito criticados por Sá Carneiro e até por Mário Soares. Eu falo destes nomes porque hoje nós não temos poucas referências em termos políticos. -----

----- A verdade é que este Regime viveu muito a seguir à Constituição, da ideia do investimento público; o Estado era patrão; o Estado tinha que denominar a Economia e isso causou alguma dificuldade no nosso sistema Económico e Político. Até que em 1982 houve necessidade de se fazer a primeira Revisão Constitucional. Lembro-me do General Eanes, a seguir ao 25 de Novembro, ter posto alguma ordem na contra Revolução e depois dos Governos de iniciativa Presidencial, lembro-me da Aliança Democrática do Sá Carneiro, que teve pouco tempo para Governar, porque morreu em 1980, mas ele e o Doutor Mário Soares deram alguns contributos importantes para essa primeira Revisão Constitucional de 1982. Essa primeira revisão Constitucional que foi importante, porque era preciso retirar a tutela militar do Regime. -----

----- Reparemos, nós tivemos um Regime a seguir ao 25 de Abril em que o MFA era quase um órgão de soberania; tinham órgãos próprios que dominavam perfeitamente o Estado. De Democracia essa ideia era muito rudimentar, porque mais parecia um Regime Militar à América Latina. Portanto, nessa primeira revisão Constitucional de 1982 Mário Soares e Sá Carneiro acharam que era importante acabar com o conselho da Revolução; acabar com a tutela militar do Regime e fazer com que o País caminhasse para um Regime Civilizado à Europeia e para preparar a adesão à Europa. Foi essa ideia que, nessa altura, se concretizou até que por volta dos anos 85 a 95 tivemos a emergência de um novo político, que eu considero uma referência, que foi o Senhor Professor Cavaco Silva, que foi a primeira maioria absoluta em 87 e trouxe ao País dez anos de desenvolvimento, de alguma implantação de uma ideia liberal, no sentido de um algum liberalismo económico. Fizeram-se algumas privatizações; Portugal cresceu; também beneficiou dos fundos comunitários, mas foi um período áureo em que o desemprego diminuiu. Tivemos algumas vantagens neste período de 85 a 95. Tendo, de premeio, a segunda revisão Constitucional em 1989, que foi importantíssima e que foi preparada por Victor Constâncio e por Cavaco Silva. Essa revisão de 89, já dentro da adesão Europeia, fez com que nós tivéssemos um Estado menos tutelar; liberdade de concorrência; liberdade de iniciativa; alguma ideia de Liberdade a sério, porque na sequência da Revolução de Abril era isso que era preciso implantar em Portugal. -----

----- A partir da revisão de 89 e desse período entre 85 e 95, de algum desenvolvimento, também não foram tudo rosas. Aliás, o desenvolvimento nessa altura baseou-se muito no betão; na construção de infra-estruturas; auto estradas. O País desenvolveu-se imenso do ponto de vista material, mas do ponto de vista imaterial, do ponto de vista da educação e da qualificação das pessoas, ficou um bocadinho atrasado. Em 1993 começasse a agravar a situação económica internacional, tal como hoje, mas nessa altura com menos gravidade. Também o período da Cavaquismo deixou algumas marcas na sociedade Portuguesa, sobretudo nesse ponto de vista; todas as pessoas têm memória desse Regime como um Regime que desenvolveu o País mas não têm memória dele como um Regime que tenha qualificado as pessoas e que tenha investido nessas áreas mais imateriais. -----

----- A seguir a essa fase, tivemos uma fase que, do meu ponto de vista, agravou substancialmente a situação do País e que nos conduziu à situação que temos hoje, que foram

os Governos do António Guterres. Não é que o António Guterres não fosse um homem bem intencionado e até ganhou as eleições, na altura, falando no diálogo. Aliás, o António Guterres é responsável em Portugal pelo Estado Social, a seguir ao desenvolvimento económico do Professor Cavaco Silva. Mas, o que é que aconteceu nesse estado social? As pessoas convenceram-se que podiam viver de subsídios sem trabalhar e esse período veio até hoje. O Estado Social é importantíssimo sobretudo se for para proteger os mais desfavorecidos, porque se for para proteger quem não trabalha, e penso que o Estado Social não faz sentido. O Estado Social vive à custa dos impostos de quem trabalha. Nós tivemos aí uma fase que, apesar de bem intencionada, aumentou o funcionalismo público de uma maneira substancial. Aliás, já vinha de trás, do Professor Cavaco Silva que aumentou muito o número de funcionários públicos. Eu penso que o País é demasiado pequeno para tantos funcionários públicos e tanta gente dependente do Estado. Criou-se a ideia em Portugal que não se vive sem ser dependente do Estado. Ou seja, a Liberdade, a tal Liberdade de livre iniciativa ficou bastante em crise nesse período de 85 até ao fim dos Governos do António Guterres. Houve aqui um excessivo investimento naquela ideia do Estado Social mas com poucos resultados; os resultados foi o endividamento brutal das contas públicas. Passámos a ter défices absolutamente excessivos e foi isso que fez cair o António Guterres na altura. O que é que veio a seguir ao António Guterres? A partir do ano 2000 para a frente temos um período de globalização acelerada, em que este problema do défice, que já vem desde o século XIX em Portugal, foi-se agravando a nossa situação, para além de uma questão essencial para chegar aos tempos que vivemos; aumentou de uma maneira brutal as desigualdades em Portugal, ou seja, o fosso entre ricos e pobres passou a ser assustador. O problema do País não está só nas pessoas que dependem do Estado; o problema do País está hoje na diferença de rendimentos que têm a ver com salários que auferem gestores de topo das empresas onde o Estado intervém e os salários que a massa trabalhadora recebe, para além do aumento que nós temos tido de desemprego, para além das falências em cadeia, das insolvências e tudo está relacionado com uma economia livre, com uma economia aberta, em que os serviços, os capitais e as mercadorias circulam livremente mas sem regulação. Hoje o nosso problema é um problema de regulação. O nosso problema não é substituir a economia de mercado por uma economia de Estado Central, outra vez, se não regressamos ao PREC. O nosso problema é de regulação da economia; é um dos problemas,

mas temos outros, como na Justiça, que não funciona; temos problemas na educação onde não há liberdade de escolha e não há liberdade de escolha na saúde e temos o problema da ética, que é meio caminho andado para a responsabilidade e para cumprir a liberdade. -----

----- Acho que o País tem estes problemas: economia desregulada; saúde em desperdício de gastos; educação com este problema de liberdade de escolha e depois um problema com o sistema político, que tem a ver com a revisão ao sistema eleitoral, até Autárquico. Eu falaria só do Autárquico, porque do outro, toda a gente defende mas ninguém leva a cabo, que é a diminuição do número de deputados, a aproximação entre os eleitos e os eleitores. O cidadão hoje não vota em pessoas, vota em Partidos; o cidadão hoje não sabe quem o representa, ou melhor, sabe mas não existe a tal responsabilidade que tem a ver com a Liberdade. Conhecem algum político que seja responsável em Portugal? Ou responsabilizado? Mas quem gere uma empresa privada é responsável se prejudicar a empresa. Conhecem algum político gestor da coisa pública que seja responsabilizado quando prejudicar o País? Não há e isso é grave e não dá para cumprir Abril. Esta ideia de que um político pode até prejudicar o interesse geral, esta ideia de que um político não será nunca responsabilizado, mina e corrói os alicerces do Regime Democrático e no Dia que é para Comemorar o 25 de Abril, a Liberdade e a Responsabilidade, eu penso que nós devemos denunciar estas coisas. -----

----- Aliás, eu estou só a fazer um balanço daquilo que tem sido o debate político de Portugal e que merece a todos uma reflexão. Ao nível Autárquico, se nós conseguirmos introduzir um sistema em que a Assembleia Municipal tenha verdadeiros poderes, aliás, a Assembleia Municipal será a única lista a apresentar sufrágio e dela emanará um Governo Local e um Governo Local que possa ser escrutinado na própria Assembleia Municipal. -----

----- Eu optei por esta conversa em família como é vinte e quatro de Abril, não sendo eu, obviamente, colono do Marcelo Caetano. Mas a realidade é esta: Nós vivemos hoje tempos em que precisamos de uma Revolução de Cidadania. Não precisamos de uma Revolta outra vez, de Militares, tipo 25 de Abril, até porque isso teve seu contexto próprio. Agora, precisamos de uma Revolução de Cidadania. As coisas como estão em Portugal e na Europa, porque Europa também está em crise, não é só Portugal, o sistema ocidental está de tal maneira em crise que nós precisamos de reflectir muito e os Cidadãos precisam de ter verdadeira soberania; a soberania é do povo; o povo é que decide e é que escolhe livremente os seus representantes.

Mas um povo só será verdadeiramente soberano quando for verdadeiramente livre, porque só quando se sente verdadeiramente livre é que se pode exigir responsabilidades e só se pode exigir responsabilidades a um povo que tenha dirigentes políticos e instituições também verdadeiramente livres e verdadeiramente responsáveis e nós não temos neste momento. Há uma crise de valores instalada no nosso Regime Político ao nível das Instituições que urge debelar e enquanto isso não for debelado não haverá cidadãos verdadeiramente livres. -----

----- Eu penso que estamos a chegar a uma altura em que há sinais, até pelo próprio comportamento da nova liderança da oposição, de que podemos dar a volta a isto. Isto é, podemos entrar num tempo em que as pessoas, até ao nível Local, devem abandonar algumas divergências ideológicas para fazer verdadeiras Governações de Salvação, ou Local ou Nacional.”-----

----- De imediato, o Senhor Presidente da Mesa da Assembleia concedeu a palavra ao Senhor **Presidente da Câmara Municipal de Águeda**, que concluiu o que se tenta transcrever na íntegra: -----

----- “Nós não podemos ficar só pelos diagnósticos e uma questão que eu lancei aqui no ano passado foi o que é que cada um faz para alterar a situação e essa pergunta mantém-se, porque é muito fácil dizer que é preciso mudar isto e que é preciso mudar aquilo, mas são sempre os outros. O que é que cada um de nós muda? O que é que cada um faz para mudar? -----

----- O 25 de Abril foi mudança e trouxe perigo, porque tudo aquilo que muda as pessoas têm muito medo, mas trouxe muita oportunidade. Aquilo que nós vivemos cada vez mais nos dias de hoje é uma sociedade de mudança. A mudança acontece de uma forma incrível, extremamente rápida e nós não estamos habituados à mudança e temos uma sociedade que está numa grande fase de transição, uma sociedade que os seus paradigmas estão em profunda alteração. Nós vivemos numa sociedade que foi construída sobre o signo do desenvolvimento no betão e esse ciclo está praticamente acabado e vivemos no desenvolvimento baseado no petróleo e esse ciclo tende para acabar. Estamos numa mudança de ciclo. Mas nós, em Portugal, temos outra coisa, nós somos muito periféricos, nós estamos numa ponta da Europa e isso quer dizer que para o nível de vida que nós temos e queremos para o futuro. Nós não conseguimos estar sozinhos; nós temos de ser competitivos e colocar aquilo que conseguimos produzir fora das nossas fronteiras e para isto nós temos de ser melhor que os outros. Temos de colocar aquilo que

produzimos em condições concorrenciais, isso quer dizer que temos de inovar mais, temos que trabalhar mais e temos que estudar mais. Relativamente à educação eu não vou à escola, vou desde a altura em que se nasce e dos valores que também já aqui foram abordados, que é preciso passar àqueles que começam a dar os primeiros passos, porque se há uma crise na Escola, ela começa antes, começa nas exigências e naquilo que se faz aos nossos filhos. -----

----- Quando não temos uma cultura de exigência, quando não utilizamos o “Não”, porque o “Não” é muito mais educativo do que o “Sim”. É o “Não” que constrói valores, que forma trajectos, que diz que não se pode ultrapassar determinados limites, que baliza a liberdade do outro, que é até onde pode ir a nossa liberdade. Meus Senhores, é aí que começa verdadeiramente o caminho, porque se nós não tivermos uma juventude bem preparada, se nós não tivermos uma educação ao nível da família de exigência, nós estamos a condenar o futuro dessas crianças e desses jovens, porque como eu disse aqui, nós temos que ser melhores que os outros. -----

----- Uma outra reflexão que eu queria trazer aqui, baseada num estudo americano, diz que a partir da segunda Guerra Mundial, as pessoas têm melhores condições de vida mas são mais infelizes. Isto é um contra senso, teoricamente; mas não é, è que nós temos mais mas queremos muito mais. As nossas expectativas estão muito mais elevadas e algumas vezes temos as expectativas mas não temos o trabalho para lá chegar, ou seja, não fazemos o devidamente para lá chegar. Isto conduz a um círculo vicioso, que é importante cada um de nós analisar e ver o que é que podemos fazer para sermos mais felizes. -----

----- Uma das coisas que se fala muito é da participação das pessoas; estimular a participação, mas aquilo que nós sentimos é que as pessoas criticam cada vez mais e participam menos; exigem mais aos outros mas participam menos e também aqui é preciso fazer a mudança. -----

----- Entendo que a mudança é feita em cada um de nós, contribuindo com pequenas coisas para a mudança da sociedade. É esse o grande desafio que cada um de nós tem, porque a sociedade, o desenvolvimento, a globalização, não vai diminuir. Aquilo que nós vivemos nas últimas décadas e podemos olhar para o exemplo dos telefones, dos telemóveis e dos computadores, vai ser transmitido a outras áreas de desenvolvimento. As Tecnologias vão evoluir de uma forma brutal e aquilo que se passou por exemplo com os telemóveis, na minha perspectiva, irá se passar com a energia; será um campo brutal com um desenvolvimento nos

próximos anos, em que por daqui a dez anos já teremos a sociedade bastante diferente e só conseguiremos responder a todos estes desafios se todos nós voltarmos à Escola e tivermos vontade de aprender mais e fazer mais pelo nosso País e pela nossa Terra.” -----

----- De seguida e integrado no programa das Comemorações do Vinte e Cinco de Abril, seguiu-se o segundo Momento Musical com a participação dos Alunos do Conservatório de Música de Águeda, com o tema: “*Grândola Vila Morena*”, letra e música originais de Zeca Afonso.-----

----- O encerramento das Comemorações da Sessão Solene foi efectuado pelo Senhor **Presidente da Mesa da Assembleia Municipal**, que concluiu o que se tenta transcrever na íntegra: -----

----- “ Exmo. Sr. Presidente da Câmara e Srs. Vereadores; Exmos. Srs. Deputados desta Assembleia Municipal de Águeda; Exmos. Srs. Representantes das Associações de Estudantes; Exmos. representantes do Conservatório de Música de Águeda; Exmos. Srs. Convidados, Minhas Sras. e Meus Srs.; Srs. Jornalistas: -----

----- Evocar e comemorar o 25 de Abril é um desafio importante para aqueles que o viveram e o sentem, porque têm obrigação de transmitir aos jovens a sua razão e a sua importância. -----

-----Trinta e seis anos passados sobre a Revolução dos Cravos obriga-nos, aos mais velhos, que viveram esse dia, recordar o antes e o depois. Talvez até lembrar como cada um o viveu sirva para contar uma história, singular como tantas, e recordar o dia em que vimos chegar a Liberdade. Também tenho a minha. -----

----- Era uma quinta-feira pelas 7h15m e tal como nos outros dias tinha de estar às 8 horas da manhã na Escola Comercial e Industrial de Barcelos. Morava no Porto e fazia, com o meu Toyota vermelho, todos os dias esse percurso entre as duas cidades. Um recém-licenciado em Engenharia Electrotécnica tinha de ter o Serviço Militar cumprido para aspirar a um emprego e o Ensino era o escape possível antes de assentar praça em Mafra, no curso de oficiais, para depois partir num pelotão para uma das colónias portuguesas. -----

----- Eram vidas truncadas na juventude, com ou sem casamento, era um futuro escuro e medonho, que iria durar no meu caso, até perto dos 30 anos, que tinha que enfrentar como os outros. -----

----- Acabava de sair da Via Norte quando um pelotão militar com armas em riste me fez parar o carro e abrir a mala. Disse para onde ia e o que ia fazer e mandaram-me seguir. Como não me tinham dado alguma explicação, para esta operação, solicitei ao oficial (penso que Alferes) que falara comigo uma razão e ele respondeu-me "É uma Revolução Militar estendida a todo o país" surpreendido tive apenas uma reacção instantânea e perguntei : "Está a correr bem?", respondeu-me, "...até agora está!". -----

-----...Continuei a minha viagem, via Vila do Conde e Póvoa do Varzim, e quando cheguei contei aos meus colegas o que se tinha passado e que essa seria a razão para as emissoras estarem silenciadas e com música clássica e ou militar. Ao meio-dia e já depois de termos conhecimento do comunicado do MFA (Movimento das Forças Armadas) foram suspensas as aulas. O professor Marcelo Caetano (1º Ministro) tinha entregue o poder ao General António de Spínola antes de abandonar o Quartel do Carmo, que foi tomado pelo Movimento dos Capitães sob o comando do Capitão Salgueiro Maia, o herói da Revolução dos Cravos, que tinha comandado um destacamento desde Santarém e invadido Lisboa, até ao Terreiro do Paço, onde teve a nevrálgica vitória, na Rua do Salitre, antes de subir para tomar o quartel do Carmo. -----

----- Sem disparar um tiro conseguiu o apoio dos militares do destacamento inimigo que entretanto avançara para o eliminar. -----

----- Regressado ao Porto encontrei uma cidade na Rua, como se fosse um S. João antecipado. As pessoas cantavam, erguiam os braços, abraçavam-se, felicitavam-se e em coro diziam palavras de ordem, slogans, que eram já de condenação e de objectivos globais da revolução, projectos imediatos e espontâneos de uma sociedade, sofrida e escravizada, que queria ser diferente. Depois da queda assim tão festejada, da ditadura podre que caiu, mais rapidamente que um castelo de cartas. -----

----- É fácil hoje e importante agrupar os slogans que por todo o Portugal ecoaram, nesse dia glorioso de 25 de Abril, em três grandes Grupos os de Revolta e Condenação, os de Conquista e de Direitos e os de Mudança para um outro Futuro. -----

----- Os de Revolta e Condenação - Fascistas !, Criminosos !, Abaixo a Ditadura !, Morte aos traidores !, Morte à PIDE !, Abaixo os Bufos!, Reaccionários !, Os Ministros para a prisão! -----

----- Os de Conquista e Direitos - Liberdade...Liberdade!, Democracia ... Democracia !, O Povo está com o MFA!, o Povo Unido jamais será vencido i, Liberdade de expressão!, Liberdade de opinião!, Liberdade para os Presos políticos já!, Viva o poder Popular!, Viva o 1º de Maio. -----

----- Os de Mudança para outro Futuro - queremos Eleições Livres !, Independência das Colónias !, Nem mais um Militar para o Ultramar i, Angola não é nossa !, Trabalho Igual Salário Igual i, Viva a Reforma Agrária !, A Terra para quem a Trabalha !, Liberdade para a mulher!, Queremos o divórcio !, Homens para a cozinha !, Liberdade Sexual!. -----

----- Na voz do povo, por todo o país, foram gritadas estratégias e objectivos de mudança e veio uma democracia pluralista. -----

----- Constituíram-se Partidos Políticos e houve Eleições. -----

----- Primeiro para a Assembleia Constituinte, nasceu uma constituição e depois criou-se o Poder Local dando origem a órgãos eleitos em todos os Municípios Portugueses. -----

----- Recordo até que as primeiras Eleições Autárquicas, na quais fui candidato, na lista do PS, à Câmara Municipal de Águeda, se realizaram em 12 de Dezembro de 1976. -----

----- Nasceu um País Democrata e Pluralista com um lugar na Europa e respeito de todo o Mundo. Regressaram Poetas, Políticos, Cientistas e Ideólogos, expulsos de sua Pátria, só porque pensavam diferente. Os ditadores não sabiam, ou não queriam saber que "**Todo o homem é livre de pensar e dizer o que pensa**", como defendera ESPINOSA já no século XVII. -----

----- Apareceram mudanças e ideologias diferentes, sucederam-se as eleições, constituíram-se e derrotaram-se Governos. Elegeram-se Presidentes da República, Presidentes de Câmara e Assembleias Municipais. -----

----- ...É aqui que estamos l - para analisar o que foi feito, com mais ou menos curvas, mais ou menos obstáculos, mais ou menos razões e criar estratégias de renovação para que os Jovens de hoje tomem conta desta herança, deste nosso País e o desenvolvam para os seus filhos, como nós fizemos até agora. Porque creio que eles são capazes, competentes e têm vontades próprias. -----

----- Pode-se medir e defender o que se fez, desde então, com o Poder Local, utilizando até parâmetros mensuráveis concretos e irrefutáveis como os Km de fios de electricidade

para iluminar povoações perdidas e esquecidas, como os Km de estradas alcatroadas e acessos para encurtar distâncias, como os Km de tubos de água, de saneamento e de gaz para aumentar qualidade de vida nas residências dos Portugueses, como a rede de escolas criadas e desenvolvidas em todos os graus de ensino, como hospitais construídos e distribuídos pelo País, como o Sistema Nacional de Saúde, como o Sistema Social e Prevencional, como a criação e crescimento das respostas sociais para apoio justo a uma cidadania com mais garantia e qualidade, como a garantia da liberdade religiosa, como a criação de associativismo para unir pessoas com os mesmos objectivos, como o desenvolvimento empresarial e comercial que distribui riqueza, pelo trabalho, a todos que assumam participar, como o direito a eleger e ser eleito, como o direito ao ensino, como o direito à saúde, como o direito ao apoio social... enfim, com a plenitude de direitos e obrigações para todos. -----

----- **Renovar o 25 de Abril é um desafio**, é uma oportunidade de fazer feedback de análise e correcção de desvios, que esta sociedade portuguesa nos exige. -----

----- É importante chamar os jovens e contar-lhes a história, mas só não chega, é preciso dinamizá-los para a correcção dos objectivos destorcidos, velhos, antiquados e desfasados, da realidade actual, dum futuro que só tem sentido com eles e para eles. -----

----- Quero por isso agradecer aos jovens aqui presentes, e que nos trouxeram a sua visão, a sua cultura, a sua arte, a sua irreverência, as suas aspirações e a representatividade das suas escolas e dos seus colegas. Obrigado pela vossa presença que tanto enriqueceu esta comemoração dos 36 anos do 25 de Abril. -----

----- Levem convosco este recado: **O FUTURO É VOSSO, ASSUMAM-NO**. -----

----- Aos Srs. Deputados desta Assembleia Municipal quero também deixar uma palavra de congratulação pela a Vossa presença e pela vossa participação competente para a optimização possível do Poder Local em Águeda. -----

----- À Câmara Municipal e ao Sr. Presidente quero desejar felicidades em todo o trabalho que tem de ser desenvolvido para bem das populações e para melhoria da sua qualidade de vida, utilizando bem os recursos disponíveis. -----

----- Aos Srs. Convidados e população em geral quero deixar um desejo: sejam felizes, procurem ser felizes e exijam ser felizes! -numa sociedade que só tem razão de ser

apoiada se for digna , justa, desenvolvida, evolutiva e futurista para melhorar a qualidade de vida dos seus cidadãos. -----

----- Aos Srs. Jornalistas para que defendam a sua liberdade de expressão e as regras da democracia pluralista contribuindo para que todos tenham igualdade de direitos e oportunidades. -----

----- Viva o 25 de Abril! Viva o concelho de Águeda ! Viva Portugal! “-----

----- Para finalizar e integrado no programa das Comemorações do Vinte e Cinco de Abril, seguiu-se dois Momentos Musicais com a participação dos Alunos do Conservatório de Música de Águeda, com o tema “*Uma Gaivota Voava ... Voava*”, letra e música originais de Ermelinda Duarte Javier, tendo sido encerrada a Sessão com o *Hino Nacional – “A Portuguesa”*.-----

----- Por último, o Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Águeda, deu por encerrada esta Terceira Sessão Extraordinária, Comemorativa do Trigésimo Sexto Aniversário do Vinte e Cinco de Abril, da qual, para constar, se lavrou a presente Acta, que vai ser assinada pelo Presidente e pela Secretária da Mesa. -----

O Presidente da Mesa:

A Primeira Secretária: